

## MANIFESTAÇÕES CULTURAIS PESQUEIRAS EM SÃO JOÃO DA BARRA – A FESTA DE NOSSA SENHORA DA PENHA

*Jhonatan da Silva Martins* (UENF)

[jhonatan\\_martins19@hotmail.com](mailto:jhonatan_martins19@hotmail.com)

*Giovane do Nascimento* (UENF)

[giovanedonascimento@gmail.com](mailto:giovanedonascimento@gmail.com)

### RESUMO

O presente trabalho pretende investigar as manifestações culturais pesqueiras na cidade de São João da Barra, buscando realizar um levantamento dos relatos da primitiva povoação de São João da Barra, cujo surgimento remete a arraial na foz do rio Paraíba do Sul, em Atafona, erguido em 1622, pelo pescador e comerciante de artigos de pesca de Cabo Frio, Lourenço do Espírito Santo, que chega à região liderando um grupo de famílias, instalando-se próximo ao local onde foi erguida a igreja de Nossa senhora da Penha. É levando em conta esse contexto histórico que procuramos entender como ocorrem as manifestações culturais pesqueira na comunidade. Para o desenvolvimento da nossa pesquisa, faremos um levantamento bibliográfico sobre a temática, além da pesquisa de campo baseado em observação participante, método qualitativo, além de entrevistas semiestruturadas abertas. Para nosso interesse, iremos observar as influências sofridas pela devoção à santa dos pescadores, Nossa Senhora da Penha e como ocorre esse processo no entorno da comunidade de Atafona. A nossa pesquisa encontra-se na fase de levantamento de dados, campos de pesquisa e elaboração dos roteiros, desse modo, nossa discussão buscará valorizar a pesca e suas manifestações, o que significa dizer, outras possibilidades de abordagens culturais, por meio da observação, sensibilização e experiências vivenciadas.

### Palavras-chave:

Tradição. Manifestações Culturais. Políticas Sociais.

### 1. Introdução

Antes de se tornar cidade, os primeiros habitantes de São João da Barra foram os índios goitacás. Os goitacás eram índios diferentes das demais tribos encontradas no Brasil, com linguagem, costumes e até mesmo compleição física distinta. Mesmo sendo exilados de suas terras, humilhados em suas tradições, foram essenciais e serviram de exemplos para as futuras gerações, de fato, contribuindo para início de nossa história (NORONHA, 2007, p. 14).

Segundo Noronha (2003) e Carvalho, (1888), o primeiro povoamento aconteceu após a partida dos índios goitacás onde está localizada a igreja de Nossa Senhora da Penha, em Atafona. O seu fundador, Lourenço do Espírito Santo, um pescador de Cabo Frio, chegou em precárias “sumacas” à vela com a mulher e aldeamento, por volta de 1622. Deslumbrado e interessado pela pesca fácil que Atafona poderia oferecer, permaneceu no local com o grupo que liderava. Assim, após a Coroa Portuguesa ter abandonado a região, e o donatário Gil de Góis ter renunciado aos seus direitos hereditários sobre a Capitania da Paraíba do Sul, no ano de 1619. Assim, Lourenço do Espírito Santo, num pequeno promontório à beira do rio, ao lado de redes de pesca, fincaram estacas, entrelaçaram bambu lascado, armaram teto de sapê, espalmaram barro batido e fizeram os primeiros casebres de pau-a-pique.

Já para Santafé (1999, p. 24-5), a origem está no contexto da história do Brasil, pois, em 1619, Gil de Góis, renunciou seus direitos sobre a Capitania do Sul – onde, encontra-se Atafona e São João da Barra – que foi abandonada pela Coroa Portuguesa. Assim, resolveu o rei de Portugal que a região necessitaria ser habitada por pescadores e ser colonizado pelos os mesmos. Complementa Santafé que, em 1622, com a chegada de alguns colonos pescadores de Cabo Frio na foz do Paraíba, atual Atafona, constrói-se então, uma capela em louvor a Nossa Senhora Penha, dando início, ao primeiro núcleo de colonizadores, liderados pelo pescador Lourenço do Espírito Santo e sua família. Porém, uma tragédia marca a vida do pescador, quando sua esposa morre por afogamento no Pontal, motivo esse que fez o pescador retirar-se da praia, adentrando 4 ou 5 quilômetros para o interior, erguendo uma capela em homenagem a São João Batista, dando origem à cidade de São João da Barra. O município obteve vários nomes, como: São João do Paraíba do Sul; São João da Praia e por fim, o atual nome, São João da Barra. No dia 17 de junho de 1850, D. Pedro II elevou a vila à categoria de cidade, por meio da assinatura da lei, no período que esteve visitando o município.

Desta forma, obteve os seguintes nomes, “São João Batista iniciando a povoação em 1630 da Vila de São João Baptista do Paraíba do Sul, depois Vila de São João da Praia em 1676 e finalmente São João da Barra em 1850, que foi elevada à condição de cidade por decreto imperial, tornando-se a sede do município” (NORONHA, 2003, p. 11).

Sendo assim, após a fundação da vila, inicia-se a construção da capela de Nossa Senhora Penha, o que posteriormente deu-se início, ao primeiro núcleo de colonizadores, liderados pelo pescador Lourenço do Espírito Santo. Desta maneira, as comemorações religiosas, enquanto práticas culturais que comunicam saberes e aprendizados coletivos, são formas de compreensão da cultura local do município, transmitindo valores e trocas de saberes entre os protagonistas dos festejos na comunidade. Nesse processo, as manifestações culturais exercem um papel de inteiração simbólica produzida pelas tradições, pelo compartilhamento da identidade local e perpetuado na memória social.

## **2. *As manifestações culturais e a importância para a criação da identidade da comunidade***

O entendimento sobre a questão da tradição está fixado nas recordações e saberes passados que se armazenam na memória individual e coletiva, utilizando-se experiências socialmente partilhadas, que ressaltam a importância das festividades para o desempenho dessas práticas, constituindo o que podemos denominar de cultura local. Conforme Braga (2000), a memória social é concebida como um processo elaborado no movimento coletivo que emerge nas interações, e é constituído pela cultura. Tanto os signos simbólicos (palavras orais e escritas), quanto os signos icônicos (imagens desenhadas ou esculpidas), podem servir de suporte para a construção da memória.

Ao especificar as culturas populares que são representadas nas festas, crenças, hábitos e tradições, que são reveladas através das manifestações culturais, enfatizamos o espaço ou o lugar que possui uma significação que o torna singular, único, exclusivo. Desse modo, trata-se de uma construção que vem constituir todo o seu pertencimento local, e por que não dizer, a criação de sua identidade, uma vez que expressões culturais convivem em um espaço e dialogam entre si de forma constante, tais atividades exercidas no cotidiano da comunidade vem para consolidar e referenciar um grupo ou a uma comunidade em uma região, solidificando e certificando sua criação artística.

Para Candau (2001), a antropologia tem seus obstáculos, tenta interpretar as relações entre indivíduo e grupo, tem uma contribuição importante para o entendimento dos conceitos de memória e identidade, pois, na verdade, a questão em voga ocorre a partir dos dados empíricos é saber e en-

tender como os indivíduos e seus determinados grupos compartilham práticas, representações, narrativas, lembranças que produzem as quais, em última instância, é o que denominamos de cultura. O autor complementa sobre constituição do principal argumento, que está na busca por compreensão de como passamos de formas individuais para coletivas de memória e identidade. Interrogamo-nos sobre os questionamentos em questão, partindo da premissa, que ela, de fato, e que, portanto, deve ser considerada e demonstrada.

Nessa elucidação por compreensão, reforça-se o fato de que os conceitos de memória e identidade são indissociáveis das noções contemporâneas que temos sobre as ideias de conservação, restauração e, em suma, da ideia de patrimônio tal como o termo vem sendo redefinido mais recentemente. Joel Candau chega à constatação que “o patrimônio é uma dimensão da memória” e que “o patrimônio é menos um conteúdo que uma prática da memória obedecendo a um projeto de afirmação de si mesma” (CANDAU, 2001, p. 162-3).

A memória coletiva caracteriza-se por um fator determinante, o componente afetivo, que surge da comunicação e das experiências entre os membros da comunidade. Quem constitui esse tempo da memória coletiva é o grupo. Para Halbwachs (1990), a construção de laços sociais permanentes, mantidos com relativa firmeza entre os indivíduos, está diretamente ligada à coesão garantida pelos quadros sociais da memória. Tais quadros são entendidos como um sistema de valores que unifica determinados grupos: familiares, religiosos, de classe, etc.

Complementa o autor, a memória coletiva é o que designa a identidade através da relação que o indivíduo estabelece com o outro. Onde, para o referido autor o passado não sobrevive por inteiro, não existe memória pura. O que existe são reconstituições do passado. A memória é um ato criativo, é trabalho. O indivíduo seleciona do passado o que lhe interessa e só lembra porque está inserido em uma estrutura social (HALBWACHS, 1990).

Assim, relacionando este conceito ao conceito de tradição de Javier Marco Arévalo:

Na tradição, o nexo de continuidade entre o passado e o presente, existe um aspecto permanente e outro suscetível à mudança. A tradição resulta de um processo de decantação cultural e da hibridação que deriva do passado transformado e de sua incorporação ao presente. (ARÉVALO, 2004, p. 928)

A tradição é aquilo que é transmitido de uma geração para outra, conferindo elementos de identificação dos grupos, a “Identidade é uma construção social fundamentada na diferença” (ARÉVALO, 2004, p. 934).

A palavra tradição teve, originalmente, um significado religioso muito forte: doutrina ou prática transmitida de século para século, pelo exemplo ou pela palavra que carregam forte significado. Mas o sentido se expandiu, cresceu e se desenvolveu muito de tempos em tempos, significando elementos culturais presentes nos costumes, nas artes, nos afazeres que são heranças do passado e esperança de um futuro. Em sua definição mais simples, a tradição é um produto do passado que continua a ser aceito e atuante no presente, de forma contínua e duradoura. É um conjunto de práticas e valores enraizado nos costumes de uma sociedade<sup>116</sup>.

Conclui Hobsbawm (1997, p. 9), conceituando tradição como algo inventado pelo processo de formação e de ritualização. De modo que,

O termo “tradição inventada” é utilizado num sentido amplo, mas nunca indefinido. Inclui tanto as “tradições” realmente inventadas, construídas e formalmente institucionalizadas, quanto as que surgiram de maneira mais difícil de localizar num período limitado e determinado de tempo – às vezes coisa de poucos anos apenas – e se estabeleceram em enorme rapidez. (HOBSBAWM, 1997, p. 9)

Nessa perspectiva, as festas e comemorações populares são entendidas como ativadoras das relações humanas, já que é nesse contexto que se dá a interação com o outro e que relações coletivas são recriadas e reinventadas ao incorporar características culturais diversas a todo instante.

Ao detalharmos as culturas populares que são representadas nas festas, crenças, hábitos e tradições, revelados através das manifestações culturais, enfatizando que todo espaço ou lugar possui uma significação de existência que o torna singular, único, exclusivo, porém, específico de uma construção que vem constituir todo o seu pertencimento local, e por que não dizer a criação de sua identidade, uma vez que expressões culturais convivem em um espaço e dialogam entre si de forma constante, tais práticas exercidas no cotidiano da comunidade vêm consolidar referência a um grupo ou a uma comunidade em uma região, solidificando e certificando de sua criação artística, humana, social, etc.

---

<sup>116</sup> Ver em: [http://www.igtf.rs.gov.br/wpcontent/uploads/2012/03/conceito\\_TRADI%C3%87%C3%83O.pdf](http://www.igtf.rs.gov.br/wpcontent/uploads/2012/03/conceito_TRADI%C3%87%C3%83O.pdf) acessado em 20/07/2017.

Stuart Hall considera que: “as identidades nacionais não são coisas com as quais nós nascemos, mas são formadas, transformadas no interior da representação.” (HALL, 1999, 48). Sendo a nação construída, transformando-se em uma comunidade simbólica e gera identidade e sentimentos de pertencimento, que não necessariamente tem de ser os limites geográficos que impõe barreiras na criação dessa nação revitalizada no que tange à criação da sua identidade.

Importa mencionar que as festas culturais são traços de um conjunto etnográfico da história e da cultura de todos os povos, em todos os níveis e classes sociais. Assim, as misturas étnicas entre negro, índio e branco resultaram em um alicerce etnográfico comum a todo território com suas tradições de ordem religiosa e social firmada no Brasil. Segundo Geertz, a prática da etnografia não é somente estabelecer relações, selecionar informantes, transcrever textos, mapear campos, manter um diário “o que define é o tipo de esforço intelectual que ele representa: um risco elaborado para uma ‘descrição densa’” (GEERTZ, 1989, p. 15).

Assim, Trigueiro (2007) afirma que o mundo está constantemente criando, reinventando novos significados culturais. Com isso, as festas como muitas outras estão sendo influenciadas pelos interesses da indústria cultural, sendo inseridas no contexto da sociedade midiática por serem polissêmicas, multicoloridas e alegóricas, atraindo não só a comunidade local, mas pessoas de outras comunidades e turistas, misturando as culturas com êxito e excelência. Como consequência, são construídos novos significados e novas relações sociais nos quais são incorporados valores midiáticos aos valores tradicionais, deixando ou não, essas interferências como significação de suma importância, esquecendo os verdadeiros valores culturais tradicionais.

Desta forma, o que define os preceitos da manifestação cultural é concernir com as formas de expressão, Carvalho (2007, p. 64) define como:

As manifestações culturais estão no centro do espaço ocupado hoje pelos estudos folkcomunicaçãois. A partir deste diagnóstico inicial, as mesmas podem ser entendidas como formas de expressão da cultura de um povo, constituindo movimento de determinada cultura, em época e lugar específicos. (CARVALHO, 2007, p. 64)

Nesse sentido, as manifestações culturais são representativas da voz social, “uma forma subjetiva que o grupo de pessoas encontra para expor seu interior, expressar o que pensam, e o que desejam realizar ou modifi-

car” (*Id. ibid.*, p. 64).

Barbosa (2003), neste mesmo seguimento, considera a cultura como algo dinâmico que torna possível aos homens viverem em sociedade, sendo assim, para a autora, “conhecer a cultura de uma empresa implica um trabalho de mapeamento e não de enunciação. Implica conhecer os valores que conferem sentido ao que se fazem as estratégias que se adotam aquilo por que se luta, o que gera consenso ou dissenso [...]” (BARBOSA, 2003, p. 142).

Nesse sentido, Mello (1986, p. 397) denomina cultura como:

(...) este conjunto complexo que inclui conhecimento, crença, arte, lei costumes e várias outras aptidões e hábitos adquiridos pelo homem como membro de uma sociedade. (LEVI-STRAUSS *apud* MELLO 1986, p. 397)

Quando falamos em cultura não devemos estar amarrados em concepções enraizadas por nós mesmos, sendo que nossas valorações não devem ser pressupostos para os julgamentos de outros pressupostos. Assim, podemos concluir que cultura é uma soma de influências artísticas ou entendidas como arte, sendo interpretada de múltiplas formas, onde cada momento de seu desenvolvimento pode ser definido como conjunto de formas e expressões que caracterizarão no tempo de uma sociedade integrada e consciente. No entendimento de suas formas e expressões, entende-se e inclui os costumes, crenças, práticas comuns, regras, normas, vestimenta, religião, rituais e maneiras de ser que predominam na maioria das pessoas que a integram nessa transformação constante.

### **3. *Nossa senhora da penha: devota dos pescadores de atafona***

Quando os primeiros pescadores colonizados chegaram de Cabo Frio, por ordem do rei de Portugal, à “Atafona, logo fundaram uma vila, e ergueu uma capela em honra e louvor a Nossa Senhora da Penha”. Sendo impossível localizá-la, mas tudo indica que tenha sido nas proximidades do Pontal, já que naquela época, “o mesmo tinha enorme dimensão e a principal preocupação das autoridades portuguesas, era ficar a embocadura do rio Paraíba do Sul, protegida contra piratas”. Santafé (1999, p. 30).

A prática antiga dos cultos domésticos em devoção a santa de Nossa Senhora da Penha no distrito de São João da Barra, foi o impulso para a construção da igreja de Nossa Senhora da Penha, na localidade de Atafona

para as celebrações realizadas pelos devotos. Por sua antiguidade e tradição os cultos domésticos em devoção a Nossa Senhora da Penha superaram em adesão aos cultos do próprio padroeiro da cidade São João Batista, embora ainda muito prestigiado pela comunidade de São João da Barra. Além disso, sabemos que há um vínculo de ligação muito forte e explícito com o culto da Santa Vitória no Espírito Santo. De lá vieram muitos povoadores, nos trazendo a tradição do divino e agregando aos devotos do nosso em torno. Segundo Noronha (2007), o culto a devoção a Nossa Senhora da Penha, a santa que é reverenciada todos os anos, na primeira semana após a quaresma, marcando o fim da obra de ampliação da capela em 1872, que daria origem à igreja seis anos mais tarde. Santa, protetora de Atafona, se deve a um milagre recebido por problemas de naufragos em sua embarcação, que ficou encalhada em um banco de areia na entrada da barra, no século XIX. A princípio, os mesmos, ergueram uma capela com o vigário José Calvosa em 1868, na localidade do aterro de sua residência, onde morou o pescador-fundador. Iniciou em 1868, as obras em construção ao novo templo e foram concluídas em 1882, recebendo ajuda da Companhia de Vapores, João Cândido Dias da Motta, segundo o jornal, “A Notícia” (segundo caderno, de 29 de abril de 1973).

Segundo o livro, “A Terra de Goitacá”, de Alberto Lamego (1913), e o jornal “S. João da Barra” (09 de novembro de 1881), a área cedida para a igreja ser construída, foi doada pela mulher do comendador Joaquim Thomaz de Faria, a senhora Francisca de Barreto Faria, conforme escritura lavrada no dia 09 de janeiro de 1857, no Cartório do 1º Ofício de São João da Barra, e o prédio foi arquitetado pelos fiéis de Domingos Gonçalves da Costa, Antônio Inácio e outros que agregaram para a construção.

Das melhorias realizadas no templo para atender os fiéis e a comunidade, a irmandade fez um pedido a prefeitura de São João da Barra, para que construíssem, em 97, um palco de alvenaria ao lado do templo, para atender aos eventos culturais oferecidos pela igreja e construíssem também, um bazar na parte inferior, assim, substituíam o coreto construído pelo prático de barra, Custódio Lopes. Houve, ainda, o marco histórico projetado pelo artista plástico campista, Ademir Moore e a restauração de lustres de cristal, em 2000. Seguindo as reformas, os telhados foram substituídos em 2004 e a igreja voltou a ter cores originais – azul e branco, as mesmas da irmandade – no ano de 2005. Foi construído um salão de festas nos fundos da igreja que, no período dos festejos, em homenagem à santa, abrigavam nossos contêrrâneos de Gargaú, que instalavam com suas barracas – para reforço

do caixa do templo foi inaugurado em 2006, pelo padre Francisco de Assis Cravo. Devido ao crescimento de fiéis, o altar-mor foi recuado para a sacristia, em 2007 (NORONHA, 2007, p. 56).

#### **4. Considerações finais**

As festas e comemorações populares sempre fizeram parte da vida do homem. É por meio dessas manifestações e expressões que “a sociedade homenageia, honra ou rememora personagens, símbolos ou acontecimentos com os quais ela se identifica” (Beltrão apud Trigueiro, 2007, p.107). Como forma de enaltecer e expor seu agradecimento pelas graças ofertadas, através da devoção ao santo.

Segundo Trigueiro (2007), é por meio das observações e das interpretações dessas manifestações populares que se torna possível descobrir os códigos, as regras e os estatutos que constroem o ensinar e o aprender da diversidade da nossa cultura e, conseqüentemente, o desenvolvimento da nossa identidade com diferentes intervenções do meio.

Contudo, nas manifestações populares como as festas religiosas ou comemorações diversas, também são observadas não só o fazer artístico, mas também as relações sociais que perpassam pela realização dessas manifestações e que traduzem a linguagem, a expressão do pensar, do fazer e do sentir característico de um povo por intermédio de sua arte. Festas são momentos sociais nos quais os homens reafirmam laços de solidariedade, praticam a sociabilidade, se harmonizam, se unem e, assim, constroem suas identidades sociais, como afirma Mazoco (2007). Nessas ocasiões, as atividades humanas se voltam para a representação da existência de um grupo, revelando seus traços culturais e dando forma a esse ser desvelado.

Conforme Braga (2000), a memória social é concebida como um processo elaborado no movimento coletivo que emerge das interações, e é constituído pela cultura. Tanto os signos simbólicos (palavras orais e escritas), quanto os signos icônicos (imagens desenhadas ou esculpidas), podem servir de suporte para a construção da memória.

Para Pollak (1992), a memória é um elemento constituinte do sentimento de identidade, tanto individual como coletiva, na medida em que ela é também um fator extremamente importante do sentimento de continuidade de coerência de uma pessoa de um grupo em sua reconstrução de si

(POLLAK, 1992, 204). A identidade cultural define o que cada grupo é e o que diferencia os grupos entre si.

Segundo Arno Wehling(2003), a memória traz algumas finalidades e na afirmação de sua identidade:

A memória do grupo sendo a marca ou sinal de sua cultura, possui algumas evidências bastante concretas. A primeira e mais penetrante dessas finalidades é a da própria identidade. A memória do grupo baseia-se essencialmente na afirmação de sua identidade. (WEHLING, 2003, 13)

Há uma ligação muito profunda entre memória e identidade, constituindo o imaginário histórico-cultural desse lugar de maneira específica, ao se sustentar e se reconhecer como expressão particular de um determinado povo, alimentando-se dessa conexão tão intensa.

A memória não pode ser entendida apenas como um ato de busca de informações do passado, tendo em vista a mera reconstituição deste passado. Ela deve ser entendida como um processo dinâmico da própria rememoração, o que estará ligada, necessariamente, à questão da identidade (SANTOS, 2004, 59).

Sendo assim, memorizada, não se deixa cair no esquecimento, sendo grafada, narrada, ou tornando-se fonte-histórica, utilizando a memória social que é uma dos meios fundamentais de abordar os problemas do tempo e da história (LE GOFF, 1996, 426).

Para Santos (2008), ao celebrar festas religiosas como a festa de Nossa Senhora Penha, os sujeitos tornam-se únicos através dessas práticas culturais. Dançar, cantar e orar, sem contarmos ainda com as promessas, romarias, procissões e festejos que são elementos da religiosidade que aproximam as pessoas e lhes dão um sentido de comunidade (SANTOS 2008).

Prins (1992, p. 198) afirma sobre o processo que envolve a tradição que, “a tradição é um processo – vive apenas enquanto é continuamente reproduzida. É efervescente vital em sua aparente quietude”. Observar o passado como algo que tem continuidade no hoje de forma tão perceptível, além de ser um processo histórico constante, utiliza-se, obrigatoriamente, o estudo da história, da memória e da religiosidade presente na Festa de Nossa Senhora da Penha como expressões culturais.

Assim, se o ser humano é o resultado do meio cultural em que foi inserido, socializado, “[...] ele é um herdeiro de um longo processo acumula-

tivo, que reflete o conhecimento e a experiência adquiridos pelas numerosas gerações que o antecederam” (LARAIA, 2001, p. 46). Dessa forma, a pesquisa se propõe analisar os significados que os participantes atribuem às experiências vivenciadas na festa de Nossa Senhora Penha, na comunidade de Atafona. A festa de Nossa Senhora da Penha é valorosa e significativa para construção da identidade da comunidade pesqueira, potencializando e reafirmando a identidade cultural da comunidade.

Desta forma, o festejo em homenagem a Nossa Senhora da Penha, é reconhecido como tradição do município de São João da Barra. A festa é um momento de renovação da fé e da confirmação a adoração à santa, que é regada de muita missa, procissão, procissão fluvial, fogos, etc. Com celebrações registradas há muitos anos, identifica-se a importância desses ritos e a significância da festa para os membros de sua comunidade, não só pelo seu significado histórico atual, mas por ser uma cultura já celebrada, por isso, merece ser preservada e investigada. Sendo assim, do ponto de vista acadêmico, pois são poucos os materiais encontrados sobre a temática no contexto cultural. O resgate da memória é de suma importância devido à construção de uma identidade consistente de um determinado povo. Para isso, é necessário que não deixe de rememorar, ir à busca das raízes, das origens, do âmago da sua história. Desta forma, essa preservação da memória local, ocorre por meio da festa em homenagem a padroeira de Atafona e a elaboração da identidade da mesma comunidade. Deste modo, a pesquisa pode colaborar para formulação de futuras políticas públicas redirecionadas à cultura do município de São João da Barra.

#### REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ARÉVALO, Javier Marcos. La tradición, el patrimonio y la identidad. In: [http://www.dipbadajoz.es/publicaciones/reex/rcex\\_3\\_2004/estudios\\_02\\_rce\\_x\\_3\\_2004.pdf](http://www.dipbadajoz.es/publicaciones/reex/rcex_3_2004/estudios_02_rce_x_3_2004.pdf), 2004. Acessado em 10 de janeiro de 2018.

BARBOSA, L. *Igualdade e meritocracia: a ética do desempenho nas sociedades modernas*. Rio de Janeiro: FGV, 2003.

BRAGA, Elizabeth dos Santos. *A Construção Social da Memória: uma perspectiva histórico cultural*. Ijuí: Unijuí. 2000.

BELTRÃO, Luís. *Folkcomunicação: a comunicação dos marginalizados*. São Paulo: Cortez, 1980.

- CANDAU, Jöel. *Memoria e Identidad*. Buenos Aires: Del Sol, 2001.
- CARVALHO, Augusto de. *Apontamentos para a História da capitania de São Tomé*. Ano: 1888.
- CARVALHO, Samanta V. C. B Rocha. Manifestações Culturais. In: GARDINI, Sérgio Luiz, WOLTOWICZ, Karina Janz (Orgs). *Noções Básicas de Folkcomunicação*. Ponta Grossa-PR: UEPG, 2007. p. 64-6
- HALBWACHS, Maurice. *A memória coletiva*. São Paulo: Vertice, 1990.
- HALL, Stuart. *A identidade cultural na pós-modernidade*. Trad. de Tomaz Tadeu da Silva; Guaracira Lopes Louro. 3. ed. Rio de Janeiro. DP&A, 1999.
- HOBSBAWM, E; RANGER, T. *A invenção das tradições*. São Paulo: Paz e Terra, 1997.
- GEERTZ, C. *A interpretação das culturas*. LTC: Rio de Janeiro, 1989.
- LAMEGO, Alberto Ribeiro. *A Terra Goitacá*. Bruxelas, 1913.
- LARAIA, Roque de Barros. *Cultura: um conceito antropológico*. Rio de Janeiro: Zahar, 2001.
- LE GOFF, Jacques. *História e memória*. 2. ed. Campinas: Unicamp, 1996.
- MARTINS, Fernandes José: *Historia do Descobrimento e Povoação da Cidade de São João-da-Barra e dos Campos dos Goytacazes*. Rio, 1868.
- MAZOCO, Eliomar Carlos. *Festas e artesanato em terras do Espírito Santo*. Rio de Janeiro: IPHAN, CNFCP, 2007.
- MELLO, Luiz Gonzaga de. *Antropologia Cultural*. Petrópolis: Vozes, 1986.
- NORONHA, João. *Uma Dama Chamada Atafona*. São João da Barra. Editora Cultura Goitacá, 2003.
- \_\_\_\_\_. *Atafona, sua história, sua gente*. São João da Barra-RJ: Fundação Biblioteca Nacional, 2007.
- PRINS, Gwyn. História oral. In: BURKE, Peter (Org.). *A escrita da história: novas perspectivas*. São Paulo: UNESP, 1992.
- POLLAK, Michael. Memória, esquecimento e Silêncio. In. *Estudos Históricos*. 1989/3. São Paulo. Cpdoc/FGV.

SANTAFÉ, Helvio. *Atafona – Vento Nordeste*. Rio de Janeiro, 1999.

SANTOS, Reinaldo Soares dos. *O Encanto da Lagoa: O imaginário histórico-cultural como elemento propulsor para o turismo cultural na Lagoa Encantada*. Dissertação (Mestrado em Cultura e Turismo) - Programa de Pós-Graduação em Cultura e Turismo, UESC/UFBA, Ilhéus-Ba, 2004.

TRIGUEIRO, Osvaldo Meira. Festas Populares. In: GADINI, Sérgio Luiz, WOLTOWICZ, Karina Janz (Orgs). *Noções Básicas de Folkcomunicação*. Ponta Grossa (PR): UEPG, 2007. p. 107-12

WEHLING, Arno; WEHLING, Maria José. As estratégias da memória social. In: *Brasilis: revista de história sem fronteiras*. Rio de Janeiro: Atlântida, Ano 1, n. 1, 2003.

#### Jornais

BARRA, São João. S. João da Barra. São João da Barra, 09 nov. 1881.

GOYTACAZES, Campos dos. A Notícia. Campos dos Goytacazes. 29 abr. 1973.